



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR

SUELY PINHEIRO CASTRO

MEMORIA DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIAS E REFLEXÕES

ABAETETUBA/PA

2018

SUELY PINHEIRO CASTRO

MEMORIA DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIAS E REFLEXÕES

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção de Grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Mestre Rosiane Peixoto

ABAETETUBA/PA

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C355m Castro, Suely Pinheiro.
Memória de formação: : trajetórias e reflexões / Suely Pinheiro
Castro. — 2018.
38 f. : il.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Rosiane Moraes Peixoto
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Memória. 2. PARFOR. 3. Formação de professores. I.
Título.

CDD 370

SUELY PINHEIRO CASTRO

MEMORIA DE FORMAÇÃO: TRAJETÓRIAS E REFLEXÕES

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção de Grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Mestre Rosiane Peixoto

Data da defesa: / /2018

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Mestre
Orientadora

Membro

Membro

ABAETETUBA/PA
2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus que me deu força e sabedoria para vencer mais uma etapa de minha vida, sem ele eu não teria conseguido chegar até o final da conclusão do meu curso. A todos os meus familiares e amigos. Aos professores que me ensinaram e permitiram que compartilhasse de seus conhecimentos. Em especial a professora Mestre Rosiane Peixoto por ter me orientado e pela dedicação. Aos meus colegas que pela amizade que cada dia foi conquistado e pelas tristezas e alegrias que juntos vivemos. MUITO OBRIGADA!

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me deu a oportunidade de concluir a minha graduação, apesar de todos os obstáculos ao longo do caminho, me manteve firme para que chegasse até aqui.

A toda minha família, em especial as minhas filhos Jonas e Jonatas que foram os motivos das minhas lutas pelas minhas conquistas.

A minha orientadora Prof.^a. Mestra. Rosiane Peixoto, que me acompanhou e aceitou dividir comigo um pouco do seu vasto conhecimento. Obrigada por tudo.

A minha amiga Rosilene Melo, a quem sempre esteve comigo nessa caminhada. Obrigada pelo seu apoio, paciência e compreensão!

Ao meu esposo João pela paciência, pelo incentivo e com certeza sempre torceu por essa conquista.

Aos meus amigos em geral, especialmente aos meus colegas da turma de pedagogia 2014, por esses quatro anos de companheirismo e parceria.

Por fim, agradeço **a todos os professores do Curso de Pedagogia** que muito contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal.

Suely Pinheiro Castro

“O Senhor é meu pastor e nada me faltará”.

Salmo 23: 1

“Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida e habitarei na casa do senhor por longos dias”

“Tudo tem seu tempo” (Eclesiastes 3.1 a 8)

RESUMO

O presente memorial teve como objetivo focalizar minha trajetória de vida pessoal, profissional, acadêmico até a atualidade bem como, descreveu meu percurso de vida desde ensino básico à universidade através da coleta documentos e fotos dos períodos. O mesmo traz o início da minha vida escolar que se deu a partir dos 4 anos de idade no então, jardim de infância atual educação infantil. Seguindo com uma trajetória cheia de dificuldades e persistência relacionadas principalmente à minha primeira fase escolar que ocorreu do 1º ao 4º série, hoje transformados em anos do Ensino Fundamental. Nesse período além da carência de materiais escolares, fui alfabetizada pelos métodos tradicionais, comuns nas práticas dos professores da época. O interesse em reconstituir minha memória, foi em primeiro lugar para obtenção de título de graduação em Pedagogia pelo, através de um memorial descritivo. Também pesou o fato de não ter nenhum registro feito sobre minha vida, esse servirá para situar no tempo os momentos marcantes desde a infância à universidade. Para a construção desse memorial foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa que tem como método a história de vida ou método (auto) biográfico, onde este usado como metodologia de educação, busca investigar através da história de vida escolar, a importância e os desafios enfrentados durante o período escolar vivido, relembrar esses momentos no qual foram adquiridos saberes e experiências significativas para minha vida é como voltar ao tempo e vivenciá-los novamente.

Palavras-chave: Memória. PARFOR. Formação de professores

ABSTRACT

The purpose of this memorial was to focus on my personal, professional and academic life to date, as well as describing my life course from elementary school to university through the collection of documents and photos of the periods. The same brings the beginning of my school life that was given from the 4 years of age in the then, preschool kindergarten preschool. Continuing with a trajectory full of difficulties and persistence related mainly to my first academic phase that occurred from 1st to 4th grade, now transformed into years of Elementary School. In this period beyond the lack of school materials, I was literate by traditional methods, common in the practices of teachers of the time. The interest in reconstituting my memory was first of all to obtain undergraduate degree in Pedagogy by, through a descriptive memorial. Also weighing the fact of not having any record made on my life, this will serve to put in the time the remarkable moments from childhood to the university. For the construction of this memorial was carried out a research of qualitative approach that has as method the life history or (biographical) method, where it is used as a methodology of education, seeks to investigate through the school life history, the importance and the challenges faced during the period of the school life, remembering those moments in which significant knowledge and experiences were acquired for my life is like going back to time and experiencing them again.

Keywords: Memory. PARFOR. Teacher training

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I.....	12
1 EVIDENCIANDO MINHA INFÂNCIA	12
1.1 O Conto de minha nostálgica infância	12
1.2 Meu ingresso na escola e a necessidade em abandonar o espaço escolar.....	14
1.3 O retorno ao convívio escolar	19
CAPÍTULO II.....	22
2 A RELEVÂNCIA DO CURSO DE MAGISTÉRIO.....	22
2.1 O ingresso no magistério suas contribuições para a prática docente	22
2.2 - Minha experiência profissional	24
CAPÍTULO III-	32
3 O INGRESSO NO CURSO DE PEDAGOGIA E AS EVIDENTES MUDANÇAS EM MINHAS PRÁTICAS	32
3.1 A realização de um sonho em cursar uma Universidade	32
3.2 O Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica – PARFOR e as mudanças no exercício da docência.....	33
4 CONCLUSÃO.....	35
5 BIBLIOGRAFIA	36

INTRODUÇÃO

Este memorial tem como objetivo focalizar minha trajetória de vida pessoal, profissional e acadêmica até a atualidade. O mesmo traz o início da minha vida escolar que se deu a partir dos aos quatro anos de idade no então, jardim de infância atual educação infantil. Seguindo com uma trajetória cheia de dificuldades e persistência relacionadas principalmente à minha primeira fase escolar que ocorreu do 1º ao 4º série, hoje transformados em anos do Ensino Fundamental. Nesse período além da carência de materiais escolares, fui alfabetizada pelos métodos tradicionais, comuns nas práticas dos professores da época.

Apesar de todas essas dificuldades, persistir e conseguir vencer, terminando meus estudos, ingressando no mercado de trabalho, conseguindo um emprego e ainda conseguir com mais de 34 anos ingressar em uma universidade pública.

De acordo com Josso (2007, p. 01) “as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto”.

Segundo Gastal *et al.* (2010, p. 23) ao interpretarmos as narrativas produzidas pelos licenciandos em trabalho anterior, identificamos elementos que sustentam a importância dessa atividade auto narrativa para sua formação:

A produção da narrativa permite emergir aspectos da subjetividade que, à medida que dão sentido à experiência vivida, contribuem para a formação do professor. O ato de contar para outro proporciona a reconstrução da experiência formativa do autor e contribui para sua autocompreensão. Narrar em primeira pessoa dá abertura para a emergência de aspectos criativos e reflexivos; com isso, o ato de narrar tem repercussões sobre a qualidade da reflexão desenvolvida (GASTAL *et al.*, 2010, p. 23).

Para a construção desse memorial foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa que tem como método a história de vida ou método (auto) biográfico, onde este, usado como metodologia de educação, busca investigar através da história de vida escolar, a importância e os desafios enfrentados durante o período escolar vivido, lembrar esses momentos no qual foram adquiridos saberes e experiências significativas para minha vida é como voltar ao tempo e vivenciá-los novamente.

Segundo Benelli, (2014) a abordagem (auto) biográfica apresenta uma série de alternativas para a realização da pesquisa qualitativa, no tocante à subjetividade dos sujeitos.

É importante ter em mente que não existe um método de pesquisa capaz de responder a todas as indagações do pesquisador.

A pesquisa biográfica coloca em conexão fenômenos sociais diferentes com a experiência pessoal de modo a compreendê-la de maneira nova, diferente. É assim que o método biográfico tem obtido um espaço sempre maior na pesquisa acadêmica: somente nos últimos trinta anos observamos uma virada importante. (BENEILLI, 2014, p.7).

A autora reforça o argumento de que esse tipo de pesquisa permite estabelecer relações entre o social e o pessoal, como forma de compreender os fenômenos presentes na sociedade, por meio da voz do conhecimento e da percepção do sujeito, em torno de um determinado tema.

O interesse em reconstituir minha memória, foi em primeiro lugar para obtenção de título de graduação em Pedagogia pelo PARFOR, através de um memorial descritivo. Também pesou o fato de não ter nenhum registro feito sobre minha vida, esse servirá para situar no tempo os momentos marcantes desde a infância à universidade.

Para compor este memorial tivemos os seguintes capítulos, inicialmente falamos de minha infância e meu ingresso na escola e o retorno à escola. Em seguida o ingresso no magistério: contribuições para a prática profissional, minha experiência profissional. E ainda a realização de um sonho cursar a Universidade e o curso superior em Pedagogia e a mudança em prática.

CAPÍTULO I

1 EVIDENCIANDO MINHA INFÂNCIA

Nesse capítulo iniciaremos falando sobre meu nascimento que ocorreu no Município de Igarapé-Mirí no dia 02 de fevereiro de 1980, fazendo uma breve apresentação desse município, minha querida terra natal. Além disso, falo do percurso de minha infância, bem como o ingresso na escola, o porquê do abandono e também ressalto o meu retorno ao espaço escolar após cinco anos fora da escola. Evidenciando todas as dificuldades que passei e a importância dessa trajetória no contexto do qual hoje sou pertencente.

1.1 O Conto de minha nostálgica infância

Falar de minha infância é voltar e recordar o passado, é reviver toda uma trajetória constituída por momentos tristes e felizes, é relembrar toda uma história que se constitui com fatos que considero como responsáveis pelas minhas escolhas no campo pessoal e profissional e esse último que assumo com muito orgulho e satisfação.

Sou conterrânea de Igarapé-Mirí, município do estado do Pará, no Brasil, que pertence a Mesorregião do Nordeste Paraense. “Este município possui uma população estimada em 60.9945 habitantes, e é conhecido como a "Capital Mundial do Açaí", por ser o maior produtor e exportador do fruto no mundo” (IBGE, 2016, p. 12).

Ainda de acordo com o IBGE (2016) Igarapé-Mirí é considerado a terra ou capital do açaí, título esse conseguido por ser o maior exportador de Açaí do mundo.

Esse município está localizado na margem direita do rio homônimo, na zona fisiográfica Guajarina, região de integração do Baixo-Tocantins. Ressaltando que o município tem 1.501 km² delimitando-se com os de Cametá, Abaetetuba, Moju e Mocajuba. A cidade dista 78 km, em linha reta, de Belém, rumo SO. Possui as seguintes coordenadas geográficas: “1° 59' 0 1" de latitude Sul e 48° “57' 49" de longitude W. Gr (IBGE, 1977).

O Município apresenta clima equatorial superúmido, chuvas abundantes no período de inverno que vai de janeiro a junho.

Nasci nesse município no dia 02 de fevereiro de 1980, em uma casa simples de madeira que tinha um cômodo que morava eu, minha mãe, minha irmã Silvana, meu primo

que era filho da irmã da mamãe, minha vó materna e minha tia que na época era solteira. Essa casa ficava no bairro da Matinha na Rua Coronel Vitório.

Nesse período tínhamos uma vida simples, mamãe trabalhava como professora do ensino fundamental ano iniciais em uma escola municipal, vovó era aposentada. Era com ajuda da minha avó que tínhamos um pouco de conforto.

Meus pais estavam enfrentando muitas dificuldades em sua relação, brigavam muito e se deixavam de vez em quando. Um dia voltaram e logo minha mãe engravidou, nós pensávamos que essa volta seria para sempre, mas minha mãe descobriu as traições de meu pai e logo se separou dele.

Minha mãe sofreu muito depois dessa separação, ainda mais grávida e com poucos recursos para nos sustentar. Passam-se alguns meses e minha mãe decidiu nos levar para o interior do município de Mojú, na casa de uma tia chamada Maria do Rosário.

Lembro-me que eu brincava pega-pega na água, fazíamos da vassoura do açai bonecas, meus primos faziam barcos de miriti, à noite minha tia contava diversas histórias, do Bocage, Pedro Malaxaste e outras. Até hoje mergulho em minhas lembranças e percebo que foi a melhor fase da minha vida uma infância tranquila e feliz.

O brincar está presente em diferentes épocas, lugar e espaço de acordo com o contexto histórico e social em que a criança vive, por isso não podem descartar em hipótese alguma o ato de brincar da vida de uma criança, pois, através do ato de brincar a criança, interage com outras pessoas e isso é muito importante para o desenvolvimento da criança. O autor coloca seu ponto de vista ao enunciar que Viver é conviver, e na convivência não nos relacionarmos apenas com a mesma faixa etária ou com os mesmos grupos sociais. Nosso dia a dia é permeado de relações múltiplas, de gêneros, de grupos de interesses, de localizações geográficas de moradias, (MOREIRA, 2008).

Toda criança sente necessidade e tem o direito de brincar. Segundo RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil), entendemos a importância do brincar (e que esta questão na vida escolar da criança), tendo em vista, o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos, ou seja, cognitivo, afetivo, motor e social (BRASIL, 1998).

Vygotsky (1987) afirma que a brincadeira proporciona aprendizado estimulando a criança a se relacionar com o outro, que ela entenda as relações humanas, seu papel nelas, construindo sua própria identidade. Muitos querem separar o brincar do aprender e dizer que a escola não é lugar de brincadeira, a verdade é que hoje há muitas formas de levar a criança a aprender brincando. Segundo Vygotsky, o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de

interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (VIGOTSKI, 1987).

O brincar é uma das formas mais comuns do comportamento humano, principalmente durante a infância. Há muitos tipos de brincadeiras as brincadeiras daquela época que eram as brincadeiras tradicionais que se brincava antigamente no ceio de nossa família, hoje o brincar ganha uma nova roupagem, com avanços das tecnologias surgem às novas brincadeiras deixando para traz muitas brincadeiras daquela época, o brincar na escola, mas precisamente na educação infantil era desvalorizado, destituído de valor a nível educativo. Com o passar dos tempos, houve uma mudança na forma como se compreende o brincar e a sua importância no processo de desenvolvimento da criança, o brincar pode ser uma ferramenta para que a criança se desenvolva fisicamente e intelectualmente. Segundo o Referencial Curricular “é evidente que não é o caso do Brasil, em que de modo geral se tem uma educação infantil que mescla o cuidar e o educar, conforme comenta o RCNEI” (BRASIL, 1998).

A criança precisa e deve ser estimulada a brincar, pois assim terá seus sentimentos e muitas habilidades expressadas de forma real e prazerosa. De acordo com o inciso IV, do Art. 16 da Lei 8069/90 Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) “é direito da criança: brincar, praticar esportes e divertir-se” (BRASIL, 1990).

Até hoje mergulho em lembranças de minha infância e percebo que foi a melhor fase da minha vida, estava compreendendo o mundo ao meu redor sentindo-me protegida, confiante para aprender sobre mim mesma e sobre os outros nesse período, tranquila e feliz.

1.2 Meu ingresso na escola e a necessidade em abandonar o espaço escolar

Ingressei na escola aos quatro anos de idade no então, jardim de infância atual educação infantil, na escola São Raimundo, no bairro da Matinha, próximo a minha residência na cidade de Igarapé - Mirí. Um programa nacional de caráter assistencialista. O projeto casulo implantada pela legislação Brasileira (LBA), direcionado especificamente para crianças de até seis anos de idade.

Tenho algumas lembranças, na fase da minha vida. Lembro-me que a minha mãe lecionava na escola que eu estudava, ela foi a minha primeira professora, era compreensiva, criativa, ensinava com dedicação as atividade desenvolvidas em sala de aula, não tive

dificuldade, pois, em casa ela reforçava o meu aprendizado de forma prazerosa, cantando a música das vogais.

Recordo que minha sala de aula era um barracão de madeira, um espaço grande e arejado cantava muitas músicas infantis, coordenação motora cobrir os pontinhos para forma letras e números, colagens com papel, produzíamos o nosso próprio desenho e pintávamos. Lembro que houve uma apresentação teatral onde mamãe era uma das personagens, não me recordo, porque não aproveitei a apresentação, pois, chorei muito fiquei sem entender, mas ela explicou.

Com o nascimento da minha irmã Silvia, minha família cresceu, a casa de um cômodo se tornou muito pequena para seis pessoas, sendo mamãe, eu e minhas duas irmãs, minha vó materna, titia e meu primo.

Mamãe comprou uma casa no bairro da Boa Esperança, passagem do campo sete, a casa tinha três cômodos: cozinha, quarto e sala. O banheiro era no quintal, não tinha energia elétrica, usávamos lamparina, e a água que consumíamos vinha do poço da vizinha.

Recordo que a mudança foi muito difícil para mim, estava acostumado com minha avó, meu primo Dorisvaldo e minha tia Marlene. Readaptar foi um processo muito lento, foi transferida para outra escola. Escola Marilda Nunes. Lembro que iniciei a estuda na alfabetização, com a professora Ana Maria, a sala não era muito ampla, uma mesa, cadeira em fileiras, e por, não conhecer meus colegas não interagia com a turma, tínhamos que ler na cartilha e todo dia, a lição era frequente, uma nova realidade, conteúdos preparatórios para passa de serie, a responsabilidade de fazer tarefas e menos tempos para brincadeiras, quando eu chegava a casa, mamãe ajudava na lição, a forma de ensino, no sentido limitado, onde aprender ler de forma mecânica, aquela que praticamos diariamente guarda datas, nomes e etc., eu tinha dificuldades de compreender as palavras, conseguia memorizar as silabas, mas não conseguia decodificar as palavras, no entanto, demorou um pouco, mas na 3ª serie aprendi.

Segundo Paulo Freire (1987), este tipo de ensino se configura como uma educação bancária que é caracterizada por uma ação meramente técnica, em que o professor é o dono do saber e apenas depositava os conhecimentos, e nós alunos tínhamos que memorizar e reproduzir os conceitos e regras daquele ensino fragmentado.

No ensino tradicional, o aluno não aprendia, apenas memorizava os conteúdos, as letras e os números. Foi o que aconteceu comigo, lembro que só consegui aprender a ler com muita dificuldade na 3ª série do ensino fundamental, daí em diante, melhorar as minhas notas nas avaliações e seguir em meus estudos.

Neste sentido ainda para Paulo Freire (1989), afirma que o desenvolvimento da capacidade de ler as letras e o mundo é uma tarefa árdua e que o professor tem papel indispensável nesse processo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 09).

Sendo assim, a partir das análises de Freire, percebemos que o professor precisa compreender os processos envolvidos na aquisição necessária ao aluno para o domínio dos campos da leitura.

Nessa nova fase de minha vida, me senti insegura em um novo ambiente, ainda desconhecido, ter que conquista aceitação dos colegas e aprender novos conhecimentos, desenvolver novas habilidades e absorver novos conteúdos. No início foi difícil, mas aos poucos foi me adaptando.

Continuei estudando na mesma escola citada anteriormente, ingressei na primeira série, a professora era rígida, os conteúdos relacionados à língua portuguesa e matemática eram muito complexos e eu tinha muitas dificuldades em assimilar, ficava com dúvidas, mas não tinha coragem de pergunta e mamãe não tinha tempo de me auxiliarem em razão de seu do trabalho.

Dentre as dificuldades que enfrentávamos na labuta do dia a dia, a situação financeira era a qual mais nos afligia. Minha mãe tinha um trabalho árduo e muito constante, ela tinha que vender AVON para ajuda nas finanças, pois o salário de professora não dava para suprir todas as nossas necessidades. E isso influenciava fortemente no desenvolvimento escolar de toda a família.

O resultado era bem visível nota vermelha exatamente nas disciplinas de língua portuguesa e matemática, por isso, minha mãe me colocou no reforço na casa da professora Ana Brandão, era uma casa ampla onde havia vários alunos de série diferentes, quem ministravam as aulas eram suas filhas, Regina Brandão e Rita Brandão, recordo que eu sofria muito preconceito, porque a maioria dos alunos era do INSA, por terem uma condição financeira melhor que eu, os conteúdos eram maiores e a professora Regina não me dava atenção e por ser muito rígida não questionava.

Na primeira semana vivenciei uma aula de matemática ministrada pela professora Ana Brandão, ela pegava uma palmatória cumprida e grossa, feita de madeira, naquele momento tínhamos que aprender a tabuada, caso ao contrário, apanhávamos bolo dela ou do colega que acertasse. Uma punição severa decorrente de uma resposta errada, eu até sabia a resposta, mas ficava nervosa e errava a maioria das vezes, com isso eu sofria, meus colegas me chamavam de “burra”, hoje percebo o quanto isso afetou o meu psicológico se estendendo a minha vida escolar.

A escola e o reforço à metodologia não era muito diferentes de ensino baseava-se em atividades cópias, ditados, tabuadas já na disciplina de estudo sociais, ciência e geografia, os conteúdos eram trabalhados de acordo com o que os livros ofereciam, os exercícios e a avaliação baseavam-se em questionários, nos quais deveríamos decorar e responder de acordo com a explicação da professora e com o livro didático adotado.

Em 1992, iniciei a 5ª série ‘na Escola Municipal Aristóteles Emiliano de Castro, localizada na Rua Major Lira Lobato, cidade de Igarapé - Mirí. A mudança da escola me causou muita ansiedade, mamãe fez um penteado no meu cabelo, vesti meu uniforme, saia azul e blusa branca, um fato inovador pra mim foi ter vários professores em uma só série no ano, pois nas séries anteriores era apenas uma professora que ministrava todas as disciplinas.

A partir daquele momento seriam mais disciplina e cada disciplina um professor específico, a escola tinha um suporte maior, com grande número de alunos e era distribuída por turmas, a 5ª série, hoje o 6º ano, naquela época era dividido em duas turmas, turma A e B, os alunos vinham de todas as escolas do ensino fundamental menor, pois a E. M. E. F. Aristóteles Emiliano de Castro era uma das poucas escolas que atendia e atende até hoje somente os alunos do ensino fundamental anos finais.

Senti muitas dificuldades nos conteúdos trabalhados principalmente no ensino da matemática, da Língua Portuguesa e das metodologias anteriores. E não havia escola de reforço para a série que eu estava inserida naquela época, ocasionando com isso uma reprovação afetando com isso a retenção em meu nível de aprendizagem, fiquei muito triste, pois, durante minha vida de estudante nunca tinha sido reprovada, apesar das dificuldades.

Minha avó pediu para minha mãe me deixar morar com a minha tia Marlene, e dessa forma eu poderia vir a cuidar do filho dela, minha avó deixou, e assim fui. Saí do lugar onde estava acostumada ao lado da minha família, de início sentir muitas saudades da minha família, pois, me sentia muito sozinha na casa da minha tia Marlene, tinha que cuidar do meu primo e ajudava ela nos afazeres doméstico já não me restava tempo para estudar e como era repetente era muito criticada, um dia chorando no banheiro conheci a minha mais nova amiga

daquela época, ela se chamava Conceição. Essa menina era a única pessoa que conversava bastante comigo, ela também relatava que constantemente era criticada por ter uma pequena deficiência na perna, comecei a frequentar a casa dela, sua família era muito grande e como ficava no trajeto da casa da minha tia combinavam irmos juntas a escola.

Passarmos andar juntas, porém as ofensas continuavam em relação à falta de respeito às nossas diferenças, em decorrência disso surgiam certos tipos de hostilidades. E essa circunstância fez com que começássemos a faltar nas aulas, ficávamos na praça até dá o horário de voltarmos a nossa casa. Minha tia descobriu, a minha ausência na escola e logo conversou com mamãe e ambas decidiram que no fim do ano, voltaria ao meu lar, minha amiga Conceição engravidou e eu tive que ficar em sua casa.

Nesse mesmo ano, novamente fui reprovada, e conseqüentemente fui colocada em uma espécie de turma que acolhia predominantemente os alunos repetentes. Com isso fiquei muito desmotivada, e ainda, a professora de matemática era muito rígida e fazia questão de falar, que o assunto estava fácil, pois já tínhamos estudado anteriormente, a metodologia era a mesma de sempre, e as relações com os alunos continuaram. Eles estavam sempre a nos apelidar, lembro que cansada de ofensas verbais, convidei a Conceição para irmos à casa de mamãe, chegando a casa, ela logo me repreendeu, dizendo, você não deveria estar estudando? Com rosto baixo e com os olhos cheios de lágrimas, desabafei, ela, orientou-me a ignorar os insultos e com isso os alunos, pararam de nos apelidar.

Hoje sei que tudo que eu e minha amiga Conceição sofriamos em sala de aula era *bullying* e como não tínhamos conhecimento tinha que seguir o conselho de minha mãe, e como isso era difícil continuamos a faltar às aulas, como já tínhamos ido muito à praça resolvemos conhecer o bairro da África que não ficava muito longe.

Segundo Guimarães (2009) *Bullying*, palavra de origem inglesa que tem como raiz o termo *Bull*, “é um termo utilizado para designar pessoa cruel, intimidadora e/ou agressiva” (GUIMARÃES, 2009, p.17). Este termo ganha importância no século XXI, após anos de existência.

O bullying se apresenta enquanto prática de violência sem motivo aparente e que possui como local específico, as escolas. Entretanto, esta violência pode ser mascarada pelas brincadeiras (mesmo que de mau gosto) ou informadas pelos agressores como acidentes. Mas, o que se presencia são cenas de terror e agressões graves exercidas sobre outros alunos e preocupa educadores, pais e juristas (GUIMARÃES, 2009, p.17).

Nessa época Igarapé-Mirí, era tranquila, poderíamos anda sem medo. No final do ano, mamãe foi à casa da titia, fiquei admirada, pois, desde que mudei, ela não me visitava. Mandou-me fazer minha mala, finalmente voltei pra casa, falou que por, ela não teria morado com minha tia, por ser uma filha obediente permitir.

1.3 O retorno ao convívio escolar

A partir dê muitas mudanças aconteceram em minha vida, fiquei cinco anos fora da escola, somente no ano, de 2000, decidi volta estuda na escola E. M. E. F. R. C. Maranata, curso de suplência de educação geral, sistemático por etapa (1ª a 4ª), que atualmente é a Educação de Jovens e adultos (EJA), equivale ao 6º ao 9º ano no período noturno, isso foi bastante desafiador, já que havia ficado muitos anos fora da escola e cursar quatro séries em apenas dois anos era desafiador, mas meus professores eram qualificados e isso fez com que me aprofundasse no meu estudo, gostei da escola, dos colegas, não me lembro de nenhuma falta de respeito aos professores, a turma era bastante dedicada.

No Brasil e outros países, diante das exigências do mercado de trabalho é necessário que os cidadãos e cidadãs concluem seus estudos, se qualifiquem conforme o seu desempenho e suas capacidades para conseguir um bom emprego. Diante do exposto, verificamos a importância da Educação de Jovens e Adultos na vida das pessoas que não puderam estudar quando crianças ou adolescentes.

Segundo Griffante; Bertotti (2016, p. 02) “garantir o acesso das pessoas jovens e adultas a educação é, antes de tudo, respeitar um direito do ser humano, direito esse garantido pela constituição federal”.

De acordo com a Constituição foi em 1971 que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) consta pela primeira vez em capítulo específico de uma lei federal de educação a lei 9394/93 LDB (BRASIL, 1996). Surge, assim, a preocupação com a necessidade de qualificação dos profissionais que nela atuam.

Mais adiante, em 1988, houve intensa pressão popular por educação e escolas de melhor qualidade, o que levou a Constituição Federal a assegurar o direito à educação básica aos jovens e adultos e entender que a educação destinada a esse público é dever do estado e deve ser oferecida de forma gratuita e obrigatória.

Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) passou a estar inserida na proposta do FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de

Valorização dos Profissionais da Educação), que entrou em vigor em janeiro de 2007 por Medida Provisória e foi regulamentado em junho do mesmo ano pela lei nº 11.494/2007. Ele substituiu o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), que abrangia apenas o Ensino Fundamental (CASEIRA; PEREIRA, 2017).

Em 2008, com a lei 11741 inclui-se a possibilidade da Educação de Jovens e adultos (EJA) articular-se com a educação profissional, pois, trata-se de ampliação de direito.

A partir de 2009, o FUNDEB passou atender 47 milhões de alunos de creches, educação infantil, ensino fundamental e médio, educação especial e educação de jovens e adultos. A proposta do programa objetivava reduzir o número de alunos fora da escola e de jovens e adultos analfabetos, de modo a garantir a todos, de forma democrática, o acesso ao conhecimento (CASEIRA; PEREIRA, 2017).

Mediante esforço e empenho dos movimentos sociais e sociedade civil organizada para garantir a efetivação da EJA no Brasil, ainda nos dias atuais algumas instituições de ensino interpretam essa modalidade de ensino como uma função supletiva compensatória de educação destinada a indivíduos que não tiveram o direito de estudar antes da vida adulta.

Isso acontece em decorrência da existência de um discurso alusivo à EJA, como direito a educação permanente a todos os indivíduos com escolaridade incompleta a partir da realização de duas conferências internacionais, a de 1990, em JONTIEN e a HAMBURGO em 1997. Tais programações ratificaram a relevância da EJA como proposta de educação direcionada a todos os povos do mundo, com enfoque para a participação cidadã (FRIEDRICH, 2010).

As aulas no EJA eram bem agradáveis, com metodologia diferenciada, mas muitos alunos da turma tinham dificuldades principalmente na leitura e escrita, eu já sabia um pouco, mas algumas vezes também tinha dificuldades. Ao tratar do ensino de leitura na EJA deve-se considerar a formação adequada dos professores, pois há determinadas especificidades do trabalho envolvendo os jovens, adultos.

Freire (1996) destaca que o professor deve ter compromisso ético com o seu fazer e com os seus alunos. Nesse sentido, o autor menciona os termos democracia, conscientização, transformação, diálogo, respeito ao aluno e educação como intervenção na realidade para postular seu compromisso com o ensino sério e cidadão.

Conforme Ribeiro (1999), o docente deve considerar o conhecimento das necessidades de aprendizagem características da idade adulta e observar suas condições de trabalho. Deve, ainda, se empenhar para desenvolver a capacidade de atuar com a nova realidade sobreposta,

considerando as novas formas de organização do espaço-tempo escolar. Nesse sentido, não há como salientar que se trata de um trabalho desenvolvido com pessoas cujos direitos foram historicamente negados. Então, é necessário que a escola, ao implantar a EJA, conheça a história da Educação de Jovens e Adultos, assim como a história das lutas do povo brasileiro e dos movimentos sociais.

Estudar um período na Educação de Jovens e Adultos foi muito desafiador por que imaginem cuidados meus dois filhos, casa, marido diariamente e estudar a noite, mas aos poucos essas dificuldades foram sendo superadas, pois a necessidade me obrigava a continuar meus estudos. Passei por momentos difíceis, superei mais uma etapa com ajuda de Deus.

CAPÍTULO II

2 A RELEVÂNCIA DO CURSO DE MAGISTÉRIO

Nesse capítulo apresento reflexões sobre o ingresso no curso do magistério e as contribuições desse curso no emanar de minhas experiências profissionais, foram experiências que ocorreram ao longo do tempo de forma desafiadora e ao mesmo tempo envolvente, ressalto as diversas dificuldades encontradas no período de formação do magistério. Manifesto minhas inquietações nesse sentido, por não termos tido a oportunidade de manifestar nossos pensamentos, desenvoltura, saberes e didática de forma tranquila e muito menos prazerosa. Com isso essas reflexões atualmente norteiam minhas práticas em sala de aula, fazendo com novas procedimentos de avaliação sejam levados em consideração, considerando a apresentação oral significativa em todos os níveis da educação básica.

2.1 O ingresso no magistério suas contribuições para a prática docente

Minha formação do antigo magistério ocorreu de forma gratificante. No início, tínhamos aulas expositivas, dialogadas, provas, trabalhos em grupos que me permitiu conhecer pessoas maravilhosas que até hoje fazem parte da minha vida. Sentia-me insegura, mas ao decorrer do curso foi me aperfeiçoando.

Segundo Brasil (1999, p. 12) a relação entre a formação dos professores e a qualidade da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (anos iniciais), vem sendo analisada “sob a ótica da ‘universitarização’ da formação inicial. É uma abordagem que, pelo seu caráter específico, tem estimulado o debate e o surgimento de inovações a respeito dos processos educacionais”.

Do ponto de vista das organizações de educadores e das entidades a que desenvolvem estudos e pesquisas sobre a formação docente, o tema vem sendo rigorosamente tratado no contexto de uma política global que contempla, simultaneamente, formação inicial e continuada, condições de trabalho, salário e carreira. Com isso, formulam severas críticas as análises que privilegiam aspectos particulares de uma problemática cuja solução pressupõe políticas de natureza global. Vale ressaltar, no entanto, que ao abordarem explicitamente a formação inicial pleiteiam seja a mesma desenvolvida em níveis mais elevados, tendo em vista a complexidade que consideram inerente à tarefa de ensinar (BRASIL, 1999, p. 12).

No Brasil, o debate sobre a profissionalização no magistério apontar para esse patamar de escolarização mais elevado, “a LDBEN, em seu art. 62, sem desconhecer a tendência mundial de formação docente em nível superior, admite a preparação do professor da Educação Infantil e dos anos iniciais” (BRASIL, 1999, p.12) do Ensino Fundamental, tanto em nível médio, quanto em nível superior:

Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena em universidades e institutos superiores de educação admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1999, p. 13).

Ainda nesse documento, fica claro que tal flexibilidade é compatível com o esforço dos legisladores no sentido de contemplar a diversidade e a desigualdade de oportunidades que perpassam a realidade educacional no país. “Sem criar impedimentos formais para a oferta dessa modalidade de atendimento educacional, de fato, a lei desafia os sistemas a repensá-la sob novas bases” (BRASIL, 1999, p. 14).

A rigor, seu reconhecimento expressa um movimento em busca da recuperação da sua identidade, na medida em que é a única modalidade de educação profissional em nível médio que a lei reconhece e identifica. As políticas educacionais haverão de respeitar essa peculiaridade e envidar esforços para dar consequência à valorização do magistério em todas as suas dimensões (BRASIL, 1999, p. 14).

A formação em magistério foi de grande importância tanto na minha vida pessoal como profissional, foi a porta de entrada para a minha prática em sala de aula, pois através do curso que pude adquirir conhecimentos para poder atuar em sala de aula e ingressar como professora nos serviços públicos. Era dessa forma que nos era ensinado na época, a “expressão” errada se fazia constante em nosso meio social e escolar.

Durante o ensino fundamental nunca tinha apresentado trabalho expositivo, Tive muitas dificuldades porque sentia vergonha de falar em público, ficava muito nervosa. Todas as vezes que era preciso falar para a turma na apresentação do trabalho, falava muito baixo devido ao medo de falar “errado”, essas dificuldades foram decorrentes dos anos anteriores, pois nessa época os métodos de trabalho em sala de aula que tinha relevância eram

tradicionais, o aluno não tinha espaço para expor suas opiniões e não era estimulado a falar, debater ou criticar.

O Magistério me proporcionou muitas oportunidades e descobertas. Foi nos dois anos do magistério que eu tive o privilégio de conhecer Belém do Para através da professora Elizandra que no levou a, XXI Feira Pan-Amazônica do livro e outros lugares, como a casa dos setes janelas, teatro, mangal das Garças, praças etc.

Conhecer Belém foi uma experiência muito significativa, pois tive contato com novas pessoas, novas culturas e isso causou um grande impacto tanto na vida pessoal quanto profissional em minha vida foi através dessa viagem que realizei um sonho de conhecer a cidade de Belém Capital do nosso Estado do Pará e fiz novos amigos. Em minha vida profissional retornei com uma bagagem muito grande de conhecimento, aprendi um pouco sobre a cultura e espaços culturais, e na feira do livro tive contato com muitas obras interessantes, com escritores e poetas e novas ideias para colocar em prática em sala de aula.

2.2 - Minha experiência profissional

Minha trajetória profissional teve início aos 28 anos de idade, em 2008, a prefeita atuante no município de Igarapé-Mirí chamava-se Dilza Pantoja, tomei a iniciativa de procura-la e pedir um emprego, ela juntamente com o secretário de educação professor Carlos, propuseram-me um contrato como professora com carga horária de 100 horas, na zona rural na escola São Sebastião localizada no Rio Panacauera-Mirí distrito Panacauera.

A escola era de pequeno porte, contendo duas salas, uma cozinha, um depósito e dois banheiros. Fui lotada com uma turma do segundo ano do ensino fundamental menor, e fui sem o consentimento do meu companheiro, porque queria um conforto melhor para meus filhos, também sonhava com minha independência financeira tomei a iniciativa através do incentivo da minha colega Rosilene Melo que, teve uma grande contribuição na minha vida profissional, afinal trabalhávamos juntas.

A professora Rosilene era responsável, observava seu desempenho em busca de melhoria para os alunos, através de projetos visando resgatar valores já esquecidos, estabelecendo assim uma integração entre família e escola. Admirava sua dedicação aos estudos, estava concluindo sua primeira graduação em pedagogia.

Sempre que eu tinha dificuldade em desenvolver atividade com os alunos, pedia ajuda a ela. No início da docência usava livros didáticos para fazer meus planos de aulas, pois só tínhamos o conteúdo programático, naquele participei do projeto de Letramento X Alfabetização: A Dimensão Sociocultural da leitura e da escrita no âmbito educacional, esse momento foi muito importante, pela primeira vez participei de um evento ao lado de minha mãe. Foram desenvolvidas oficinas com um conjunto de atividades o que me serviu de base para trabalhar leitura e escrita dentro de uma proposta letrada com os meus alunos. Diante da realidade dos nossos alunos desenvolvemos em sala de aula atividades diferenciadas correlação a leitura e escrita, com utilização diferentes gêneros textuais isto é, jornais, fábulas, bulas receita de bolo e outros, sempre exemplificando com cotidianos dos alunos.

Desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo em que vivemos. Lemos no céu as nuvens que anunciam chuva, lemos na casca das frutas se elas estão verdes ou maduras, lemos no sinal de trânsito se podemos ou não atravessar a rua. E, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é outra forma de leitura, do mesmo mundo que já liamos, ante ainda de sermos alfabetizado (FREIRE, 2003, p, 5-6).

Em uma sociedade letrada as crianças se relacionam com a linguagem escrita percebendo sua utilização, característica, aprendendo seus significados, ou seja, compreende o contexto onde está inserido. se apropriando da leitura e da escrita

Em 2009, houve a mudança de prefeito para e não fica desempregada, contei novamente com a ajuda da minha amiga Rosilene e seu pai, eles me indicaram ao secretario de educação para trabalha na escola de ensino fundamental Jamurím. Localizada na zona rural no rio Jamurím distrito do Cají aqui no município de Igarapé-Mirí.

Comecei a trabalhar nessa escola onde a estrutura física era somente de uma sala de aula. Era uma turma de classe multisseriada, ou seja, alunos de idades e níveis educacionais diversos, para serem instruídos pela mesma professora e ainda tinha que reservar tempo para fazer a merenda, lá eu tive dona Joana, uma moradora próxima da escola me ajudou muito prestando esse serviço solidário na escola e ainda me hospedou em sua casa.

De acordo com Oliveira; Oliveira (2014, p. 03) “a multissérie é uma modalidade de ensino presente na realidade do campo brasileiro”, para compreendermos como estão organizadas “é importante analisar como se define essa forma de organização do ensino e do

trabalho pedagógico e a forma como se dá o agrupamento dos alunos em diferentes níveis de aprendizagem e idades”.

Essa organização dos espaços e tempos pedagógicos tem como objetivo, principalmente, atender a necessidades educativas dos alunos e também os arranjos formais dos sistemas de ensino. São formadas, sobretudo em locais onde há poucos alunos nas séries escolares e moram em localidades/comunidades rurais distantes de escolas sedes, que agregam o maior número de alunos (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2014, p. 03).

Ainda para os autores, são classes que agregam em uma mesma sala de aula, crianças, jovens ou adultos com diferentes níveis de aprendizagens. “Essa organização escolar traz maior dificuldade para o planejamento dos professores, o que tange ao processo de ensino-aprendizagem. Pois, exige a elaboração de estratégias variadas, para atender não as diferentes necessidades de conteúdos” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2014, p. 03), mas também as intenções referentes a dificuldades e níveis de aprendizagem dos alunos.

Como professora me sentia insegura, nunca tinha trabalhado com classe multisseriada, eu precisava trabalhar com mais desempenho, pois, a realidade da vida cotidiana dos alunos era diferente uma da outra, para a maioria dos alunos apreender ler e escrever era o suficiente, mas para mim não era o suficiente eu precisava buscar mais conhecimento. Procurei dar uma atenção especial a eles, chamando as famílias para um diálogo colocando as nossas necessidades e os anseios que formássemos uma parceria, para que não ocorresse varias evasões.

Essa experiência foi curta apenas sete meses, nas férias do mês de julho minha mãe foi diagnosticada com câncer, passei a férias cuidando dela em Agosto pedi o afastamento da escola, pois tinha que acompanhá-la no hospital e no dia 31 de Agosto era uma segunda feira, às seis horas da tarde, ela faleceu, foi um momento muito doloroso e difícil, sinto uma grande tristeza pela perda de uma mãe, que foi mãe, pai, psicóloga professora, que sempre esteve presente na vida de seus filhos.

Após uma semana, voltei à secretaria de educação para saber como iria ficar minha situação, se caso poderia retornar ao trabalho, o secretário de educação ao ver meu estado, ainda estava muito abatida, me recontratou novamente para atuar na Escola de Ensino Fundamental R.C Manata, próximo da minha casa, na mesma escola, onde estudei. Voltar à escola novamente como professora, era uma forma de contribuir com a formação das crianças

do meu bairro e fica ao lado da minha família, fui lotada em uma turma do 2º ano, a professora titular estava de licença.

A turma tinha 25 alunos, eles eram bastante esforçados, a maioria já sabia ler e os pais eram bastante participativos no cotidiano escolar dos seus filhos, no mês de novembro a professora Katia retornou para turma e eu novamente fui remanejada para a escola E.M.E. F Escola Municipal de Ensino Fundamental Ebenezer, ficou um pouco longe da minha casa, para substituir a professora Neuza na decorrência do falecimento do seu filho, a turma do 3º ano já estavam no preparatório para a 4ª avaliação e com a ajuda do coordenador pedagógico conseguir executar o trabalho da professora com êxito.

Em 2010 realizou-se um concurso público em Igarapé-Mirí, fiz minha inscrição para professora passando alguns dias da realização da prova saiu o resultado, eu fiquei reprovada, mas minhas amigas Rosilene e Neima Shirley conseguiram ser aprovadas. Por um ano fiquei desempregada, cuidando da casa e da família, mas eu ficava triste, já estava acostumada a lecionar, sentia muita falta de está em sala de aula com os alunos.

Em 2011, minha amiga Rosilene foi convocada para ser diretora da Escola de Ensino Fundamental São José, localizada na zona rural no Rio Pindobal, sendo diretora conheceu o professor Benedito Moraes, que lecionava no 5ª ano na escola referida e diretor na Escola Raimundo Nunes, no Pindobal-Mirí que pertence ao Município de Cameté que faz divisa com Igarapé-Mirí. O professor Benedito comentou com Rosilene que precisava de um professor, pois a turma do 4º e 5º ano estava sem aulas há um mês. Minha amiga sabendo de minha situação atual, me indicou e quando me comunicou fiquei muito feliz, organizei toda a documentação e viajamos com destino ao Pindobal, ela disse que era longe, mas não imaginava que fosse tão, saímos do porto de Igarapé-Mirí, 11h00min da manhã e chegamos 05h00min da tarde e enfim, fomos apresentados.

Cheguei à comunidade e conheci o professor Benedito era um senhor de estatura média era alegre e bastante comunicativo, tinha três filhos: Fabilene, Fabricia e Fabricio. A primogênita Fabiane, já tinha família e me falou a respeito da escola e como era o trabalho lá, em seguida me apresentou os professores que nesse momento chegaram a sua residência, Melk que ministrava as disciplinas de língua Portuguesa, de Espanhol e arte do Ensino Fundamental maior e a professora Cissa lecionava em três disciplinas: matemática, ciências e educação física, pois, na falta de docentes em uma disciplina, a legislação permite que o professor de outra matéria assuma a aula, a situação era emergencial, e todos se hospedavam na casa do diretor, exceto um professor chamado Merinaldo que chegava quinta-feira ministrava suas aulas e voltava na sexta, ele era de Cameté.

Como de Pindobal-Mirí a Cametá era muito distante as 04h00min horas da madrugada, seu Benedito e eu viajamos de barco em rumo a referida cidade, a viagem não foi longa, mas o rio é muito largo e muita maresia, por, eles já estarem acostumados acharam normal. Quando vi pela primeira vez a cidade de Cametá fiquei encantada, me apaixonei. Segundo seu Benedito além de ser encantadora hospedeira de povo acolhedor, a cidade é lembrada pelo Papel de destaque no movimento da cabanagem, o Município tem o mapará como seu Benedito destacou e o santo padroeiro é São João Batista.

Chegamos cedo a Cametá e logo fomos direto para a secretaria de educação levar a minha documentação e assinar o contrato, o secretário ao analisar meu documento, questionou por eu ser de Igarapé-Mirí, mas, seu Benedito argumentou que já tinha ido várias vezes em busca de uma solução para o problema de falta de professores e vinha sempre frustrado, mas encontrou a solução em outro município e os alunos estavam sendo prejudicado por falta de professor. Não tendo outra solução me contrataram.

Voltei de Cametá muito feliz, pois tinha um emprego para trabalhar e ajudar minha família. Nesse dia chegamos tarde à residência de seu Benedito, muito cansada e com fome, mais para mim não importava, pois, já estava com meu sonho realizado.

A casa de seu Benedito era de madeira com dois andares, sendo que em cima tinha três quartos, o primeiro ficava as mulheres, nos segundos os homens e no terceiro o diretor em baixos dois banheiros, uma cozinha enorme e uma sala grande e ao lado da casa duas salas.

A escola funcionava na residência do diretor, a sala era dividida ao meio com uma lona e na parte da frente eu trabalhava com a turma dos 4º e 5º ano, com 25 alunos adolescentes e jovens, uma classe de multisseriado. Eles estavam na fase da puberdade, copiava muito conteúdo no quadro, pois a maioria dos alunos copiava rápido, eu buscava ajuda nos livros didáticos, pesquisando os assuntos a ser trabalhados para fazer o plano de aula, por falta de material didático, de orientação pedagógica, continuei trabalhando criando minha própria metodologia.

Em maio de 2012 foi à inauguração da construção da E M. F Professor Raimundo Nunes da Silva pelo prefeito municipal de Cametá José Waldoli Figueira Valente, vice-prefeito Benedito Chaves Pompeu, Secretario de Educação José Joaquim Martins de Castro, Secretario de obras Engenheiro Mauro de Melo Valente, corpo docente e toda comunidade.

A nova escola inaugurada tinha cinco salas de aulas, uma cozinha, quatro banheiros, uma secretaria, uma sala de diretor, e um depósito, mas não dava para supri a necessidade da comunidade escolar, pois, a escola trabalhava da educação infantil ao ensino fundamental 1º ao 9º anos.

Devido à escola não ser suficiente para atender a clientela escolar, ainda foi utilizada duas salas do lado da casa do diretor para atender o 1º e o 2º anos, onde eu era a professora. A turma tinha 23 anos, a maioria estava aprendendo a ler e escrever e como tinha conteúdos para ensinar para fazer as provas, tentava conciliar.

A comunidade Pindobal-Mirí era muito carente, muitos contavam apenas com a merenda escolar para se alimentar e isso prejudicava o rendimento escolar do aluno. Todo dia no final da aula eu marcava no livro um texto para eles lerem como dever de casa, depois da oração no início da aula chamava-os para dar a lição, caso não soubesse tudo de uma vez aquela lição voltaria no dia seguinte e continuaria o mesmo texto.

Eu continuava com a minha prática de ensino pautado em conteúdos disponíveis na cartilha e os livros didáticos encontrados na secretaria da escola, mas tinha muitas dificuldades de ensinar naquele período.

No ano de 2013, trabalhei com o 2º ano, e como estava trabalhando com essa turma, foi convocada pela Secretaria de Educação de Cametá a participar da formação para professores, do Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa, que trouxe como proposta garantir a alfabetização com letramento a todas as crianças no ciclo inicial dos primeiros anos ciclo inicial dos três primeiros anos do ensino fundamental.

O programa do governo federal denominado de Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é uma proposta educacional que vem assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental (BRASIL, p.11, 2012).

Além disso, é um compromisso assegurado pelo Plano de Desenvolvimento da educação (PDE) de alfabetizar todas as crianças brasileiras até oito anos de idade, no final do 3º ano do ensino fundamental, assim como a meta do novo Plano Nacional de Educação em discussão no congresso nacional (BRASIL, 2012).

A esse respeito essa proposta educacional:

[...] é a continuação dos programas implementados durante o Governo Lula (2003-2010) e que trata a relação formação, trabalho docente e avaliação como estratégia para atingir melhores resultados nas avaliações nacionais, como é o caso da Prova Brasil, da Provinha Brasil e da prova que será aplicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) aos alunos do 3º ano do ensino fundamental, a partir de 2014, que se configurará como uma avaliação externa anual para verificar o percurso de aprendizagem dos alunos (LUZ e FERREIRA, (s/d), p.03).

As autoras deixam em evidencia que o pacto nacional pela alfabetização é um programa estratégico para alcançar bom resultados nas avaliações nacionais, que será realizado pelo (Inep) aos alunos que estão no 3º ano do ensino fundamental a partir de 2014, para verificar o percurso de aprendizagem dos educandos.

Ainda para as autoras, foram desenvolvidas formações para docentes da educação básica para melhorar os resultados das avaliações nacionais, igualmente como ocorreu com o pró-letramento, proposto aos professores das séries iniciais do ensino fundamental que surgiu após a verificação pelo MEC da necessidade de melhorar os resultados obtidos no Sistema de Avaliação de Educação Básica (SAEB), em 2003.

De acordo com o MEC, no documento *Fracasso escolar no Brasil: políticas, programas e estratégias de prevenção ao fracasso escolar* (2005), no que se refere ao desempenho dos alunos da então 4ª série do ensino fundamental no SAEB/2003, o resultado foi de 36,7% de alunos no nível crítico em Língua Portuguesa e de 40,1% de alunos no nível crítico em matemática (LUZ e FERREIRA, (s/d), p 03).

Percebe-se nessas abordagens que no documento de verificação sobre o fracasso escolar desenvolvido pelo MEC em (2005), o desempenho dos alunos é crítico em português e matemática.

O Pacto era uma proposta pedagógica para trabalhar com a linguística abraçando várias áreas como, fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, análise do discurso que contribuem significativamente no desenvolvimento da leitura e da escrita. Na primeira formação do pacto pela educação ministrada pela coordenadora, Maria da Conceição, que distribuiu vários materiais, livros com sugestões de atividade, como trabalhar a sequência didática, como organizar o planejamento das atividades alfabetizadoras para alcançar meus objetivos.

Desenvolvi as tarefas propostas com os meus alunos, participei, interagir, confeccionei o cantinho da leitura, as aulas eram mais dinâmicas, havia mais interesse e participação dos alunos e facilitando o meu trabalho, aos poucos modificando o modo como eu trabalhava.

Todas as atividades foram realizadas com sucesso, todas as ações e interações, através das socializações das trocas de experiências contribuíram para melhorar minha prática em sala de aula. No final do ano teve a culminância, apresentação de todos os materiais confeccionada e atividades desenvolvidas, foi muito importante para o meu crescimento como educadora.

No início de 2014, ocorreu o concurso público no Município de Cametá e só poderia fazer concurso para área de professora quem tivesse graduação em Pedagogia, sendo assim fiquei impossibilitada de fazer o concurso, conclusão mais uma vez desempregada.

CAPÍTULO III-

3 O INGRESSO NO CURSO DE PEDAGOGIA E AS EVIDENTES MUDANÇAS EM MINHAS PRÁTICAS

Nesse terceiro e ultimo capítulo narro sobre a realização de um sonho que era cursar a Universidade Federal do Pará e o que esse curso contribuiu para a mudança em minha prática pedagógica.

3.1 A realização de um sonho em cursar uma Universidade

O distanciamento do no âmbito escolar foi um momento muito doloroso para mim, mas ao ter o conhecimento do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, (PARFOR), destinado aos professores em exercício das Escolas Públicas, Estaduais e Municipais sem formação adequadas a L.D. B, lei Nacional de Diretrizes e Bases da educação, oferecendo cursos superiores Públicos gratuito e de qualidade, fiquei muito confiante com a possibilidade de ingressar na Universidade, pois, já tinha parado de estudar e concorre uma vaga através do vestibular seria muito difícil de ser aprovada.

Como não sabia lidar com a tecnologia pedi ajuda a professora Josiane para fazer minha inscrição, passando alguns dias de inscrita, saiu à listagem de quem tinha sido incluída ao Programa de Formação continuada e para minha alegria o meu nome estava na lista, gritei de tanta felicidade com a oportunidade única. Recebi assim o aviso para fazer a matricula na Universidade Federal do Pará (UFPA), Polo de Abaetetuba.

No inicio do curso de Pedagogia, senti muitas dificuldades, pois, estava desempregada, tinha que paga passagens, alimentação, houve dias que precisei emprestar dinheiro dos colegas, mais depois o problema foi amenizando, tirei a carteirinha de estudante, que me dava o direito de paga meia passagem, outro obstáculo foi que já faziam oito anos, que eu tinha parado de estudar e o entendimento dos textos teóricos e a identificação da ideia central nos mesmo foi no inicio muito difícil. .

Eu não lia com frequência, me via ali em meio a muitos textos, eu lia várias vezes sem entender muito dos mesmos. Estudei com muito esforço, comecei a entender as matérias e aos poucos foi superando as dificuldades.

Nesses quatro anos de graduação passei por momentos de tensão, aborrecimentos, medo, angústias, tristezas, mas os momentos de alegria, absorção de experiência, novos conhecimentos de práticas metodológicas com base em teorias, se tornaram mais relevantes do que os pontos negativos ocorridos durante o curso.

Não poderia deixar de ressaltar neste Memorial, os excelentes professores que contribuíram na minha formação de pedagoga. Professores Mestres e Doutores, com muitos conhecimentos teóricos e práticos, que vinham dispostos não só a ensinar, mas também aprender com os alunos do PARFOR. Incentivavam-nos com que nos tornassem professores dominadores do saber, ou seja, aquele que na prática sabe o que está fazendo, tem domínio de conteúdo, sabe socializar os conhecimentos com os alunos. Professores responsáveis e conscientes para mediar o aluno no caminho do processo de ensino-aprendizagem.

3.2 O Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica – PARFOR e as mudanças no exercício da docência.

Com novos conhecimentos adquiridos no Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica, o curso de pedagogia em mais precisamente veio possibilitar-me uma nova e mais eficaz visão no processo de ensino e aprendizagem. Como a possibilidade de refletir acerca de minha atuação docente, práticas e a busca pela pesquisa e a formação em cada especificidade que deparamos nesse vasto espaço que é a sala de aula, pois nela, encontramos diversidade, heterogeneidade e demais questões que nos desafiam. E esses desafios hoje são confrontados por meio do estudo e da pesquisa, para assim entender as dificuldades encontradas e dinamizar estratégia com os fins de solucioná-las. Tenho desenvolvido as atividades relacionando-as a prática vivenciada, interagindo as mesmas com a teoria. É necessário compreender os saberes dos educandos, suas vivências cotidianas para assim articular para a construção do conhecimento.

Nesse período vivenciava uma nova experiência na minha vida profissional, como educadora da educação infantil, as crianças exigiam mais atenção devido à faixa etária. Elas eram mais dependentes. Principalmente, na hora do banho, da merenda, atividade extraclasse. Percebi o quanto é importante trabalhar ludicamente, valorizando sua cultura, sua realidade,

participando da construção do conhecimento, estimulando-as com atividades lúdicas para desenvolver, o cognitivo, psicomotora, social, mentais e outros.

Segundo Kishimoto (1993) a ludicidade é uma necessidade do ser humano independentemente de idade, não pode ser vista apenas como diversão e sim como aspecto facilitador do conhecimento proporcionando um bom desenvolvimento pessoal, social e cultural, interagindo com o meio e com as pessoas.

Assim, mediar um processo com prazer, tanto pelo aluno quanto pelo professor, é muito mais proveitoso, o brincar através da ludicidade juntamente com o jogo, o brinquedo e a brincadeira trazem em sua natureza, meios que viabilizam aprender com êxito, valorizando a criatividade, o cultivo da sensibilidade e a busca da afetividade com os demais alunos (KISHIMOTO, 1993).

Desta forma, a escola deve garantir em seu projeto pedagógico que inclua na prática educativa através o lúdico, onde proporciona para os alunos uma vivência lúdica, experiências corporais que se utilizam da ação, do pensamento e da linguagem, tendo nos jogos educativos sua fonte dinamizadora.

Entre os diversos conhecimentos adquiridos durante o curso, as disciplinas me possibilitaram mudanças significativas na minha metodologia de ensino. Durante esta trajetória acadêmica as disciplinas, Didática, Prática, Avaliação da aprendizagem, e os Estágios.

A partir do PARFOR minha prática docente apresentou melhoras significantes. Ao ensinar determinado conteúdo, adquiri mais autonomia de colocar opções para meus alunos escolherem, darem suas opiniões, ou seja, serem alunos reflexivos e críticos, levando eles a entenderem que não importa o nível de aprendizagem que estejam, pois, todos são capazes de aprender.

Também me tornei uma professora mais pesquisadora e reflexiva, além de adquirir mais habilidades com recursos tecnológicos. Atualmente, antes de fazer meus planos de aula, além de pesquisar nos livros que tenho em casa e os da escola, pesquiso materiais na internet para estar me atualizando, para que na minha prática eu tenha certeza do que estou fazendo, além de ter mais domínio de conteúdo e saber socializar os conhecimentos com os alunos.

Minha autoestima aumentou, mas com responsabilidade, fortalecendo a confiança na minha capacidade de ensinar e valorizar a educação como um meio de desenvolvimento pessoal e social. Sem deixar de pensar a criança como um ser cheio de particularidades verdadeiras, que observa atentamente, examina, faz reflexões e especulações do que acontece ao seu redor.

Assim, procuro proporcionar aos alunos, momentos de aprendizagem prazerosa e significativa, levando estes a perceber que o conhecimento não se adquire apenas entre as quatro paredes de uma sala de aula e baseado em livros didáticos, mas que o conhecimento que cada um possui e o espaço social em que vivem são muito importantes para sua própria formação.

4 CONCLUSÃO

Ao iniciar a construção desse memorial passei por momentos de dúvidas e hesitações, sendo um deles o momento de definir o que iria escrever e por onde começar, pois, é difícil lembrar com detalhes de minha história, primeiro pela memória não ajudar e segundo por não ter sido estimulada nas escolas em que estudei, porém com estímulo de minha família e orientadora conseguir escrevê-lo.

Iniciei apresentando os momentos marcantes de minha vida pessoal que foi de meu nascimento até o ingresso na escola até a vida profissional e acadêmica. Com efeito, elaborar esse texto foi um desafio que me convidou a considerar as trajetórias lineares da minha vida. Da minha infância, passando pela educação básica, ser mãe, professora, até à universidade. Novos caminhos, novos conhecimentos, experiências adquiridas com os saberes pedagógicos contraídos na graduação, fizeram-me perceber que o tempo todo eu podia me transformar em uma profissional melhor melhorando a minha prática de sala de aula. Eu só não tinha consciência disso.

Mas, ao trabalhar com a memória pude analisar através da autobiografia o processo de rememoração e compreendi que a minha formação é composta por elementos educacionais, afetivos, sociais significativos, que estavam quadrados em minha subjetividade, os quais me ajudaram a fazer a memorização e trazê-los para fazer parte de minha história (idade, mudanças, perdas, descobertas) (SOUZA, 2004).

A formação na universidade contribuiu de fato, de forma significativa e eficaz, para o meu crescimento e desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal, pois a cada semestre estudado as disciplinas e socializado as experiências na turma, crescia dentro de mim o desejo de aprender, descobrir, desvendar novos conhecimentos e adquirir os saberes pedagógicos necessários a minha formação.

No decorrer do curso de Pedagogia foi me aperfeiçoando em minha prática pedagógica, pois o curso me ofereceu conhecimentos que todos nós professores deveríamos saber para modificar a nossa prática em sala de aula.

É a partir dos processos de formação que podemos promover a mudança necessária em nossa prática de sala de aula, porém essa formação inicial que tive na Universidade, não é o bastante e preciso avançar realizando formação contínua para conseguir realizar uma mudança em nossos espaços escolares.

5 BIBLIOGRAFIA

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. **Referencial Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol. 1-3.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) BRASIL**. LEI N 9394/96. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Setembro de 1996. Editora do Brasil. Brasília, 1998.

BRASIL, **Diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores na modalidade normal em nível médio** – 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb001_99.pdf . Acesso em: 15-04-2018.

BRASIL. LDB – **Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394**. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> Acesso em Abril de 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Manual do pacto: Pacto pela Alfabetização na Idade Certa: o Brasil do futuro com o começo que ele merece**. Brasília, DF, 2012.

BENELLI, Caterini. **O docente como profissional reflexivo: o papel da biográfica formativa e profissional**. Debates em Educação, Maceió, v. 6, p.1-18, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17º, ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam/** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GASTAL, M. L. *et al.* **Da montanha à planície: narrativas e formação de professores de ciências e biologia**. Revista da SBEnBIO, São Paulo, v. 3, p. 1252-1260, 2010.

GRIFFANTE, Adriana I. BERTOTTI, Liane Angélica. **Os desafios da EJA e sua relação com a Evasão**. Disponível em: http://upplay.com.br/restrito/nepso2013/uploads/Projetos_EJA/Resumo/08_03_25_Resumo_- acesso em: 16/03/2018.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

KISHIMOTO, M.T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez editora. 5ªEd São Paulo, 2001.

LUZ, Iza Cristina Prado. FERREIRA, Diana Lemes. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Formação, Avaliação e Trabalho Docente em Análise**. Disponível <http://www.superpagina.com.br/resultados.php?cx=partner-pub=FORID%3A10&ie=UTF8&q=PACTO+NACIONAL+PELA+ALFABETIZA%C3%87%C3%83O+NA+IDADE+CERTA%3A+FORMA+E+TRABALHO+DOCENTE+EM+AN%C3%81LISE+Iza&sa> acesso em; 23/04/2018.

OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de. OLIVEIRA, Nazareno do Socorro da Silva. **Práticas e Docência em classes multisseriadas**. Artigo financiado pelo PIBIC/ Interior da Universidade Federal do Pará. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/viewFile/3070/3091>.

VYGOTSKY, L. S. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: Brasil MEC/ SEB. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento**. _ Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 35.